



## A resistência cultural na tessitura de luta pela terra

### *Cultural resistance in the way of struggle for land*

FERREIRA, Sarah Gonçalves<sup>1</sup>, FERRAZ, Ester Louback<sup>2</sup>, BARBOSA, Sara Gonçalves<sup>3</sup>

1 Universidade Federal de Ouro Preto-UFOP [sarahgferreira@gmail.com](mailto:sarahgferreira@gmail.com); 2 Universidade Federal de Ouro Preto-UFOP [esterlf@hotmail.com](mailto:esterlf@hotmail.com); 3 Universidade Federal de Viçosa-UFV, [sarabarbosa88@gmail.com](mailto:sarabarbosa88@gmail.com)

**Resumo:** O movimento do texto e do olhar neste trabalho busca construir uma discussão em torno dos conflitos sócioterritoriais, percebidos na 2ª Caravana Agroecológica do Sudeste: rumo a Alegre no Espírito Santo. Para tal, apresentaremos duas experiências: a Aldeia Boa Esperança, em Aracruz, onde foi relatado a luta pela terra, o quanto isso afeta a tradição indígena e a forte opressão da indústria de celulose local. Visitou-se também a Agroindústria La Bella Vista, em Venda Nova do Imigrante onde tomou-se conhecimento do poder da cooperação para manutenção de uma cultura.

**Palavras-Chave:** Agroecologia; conflitos territoriais; comunidades tradicionais; conflitos sociais; valores culturais.

**Abstract:** This report will be discussing the social and territorial conflicts visited at the 2ª Caravana Agroecológica do Sudeste: rumo à Alegre, realized at the state of Espírito Santo. For this, will be presented two experiences: the native village Boa Esperança, at Aracruz, where they fight for a piece of land and the strong oppression of the local industry. Beside this, the Caravana also visited the Agrobusiness La Bella Vista, at Venda Nova do Imigrante, there was known the power of cooperation to preservation of an culture.

**Keywords:** Agroecology; Territorial conflicts; Traditional Communities; Social Conflicts.

**Contexto:** As práticas e experiências com a educação, devem se desenvolver inter e transdisciplinarmente (MORIN, 2000), para possibilitar processos de aprendizagem integrados com as diversas dimensões que compõem os conhecimentos da Agroecologia (CAPORAL, 2005). Atendendo a essa proposta, a 2ª Caravana Agroecológica foi realizada em abril de 2015 pela Rede de Núcleos de Agroecologia da Região Sudeste, do norte ao sul do Espírito Santo, financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por vários Ministérios, com apoio da Articulação Capixaba de Agroecologia (ACA) e do Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (INCAPER).

As cinco rotas realizadas no estado capixaba contaram com a participação de professoras (es), agricultoras (es), técnicas (os) e estudantes dos quatro estados da região Sudeste, que se encontraram ao final em Alegre/ES. A rota que partiu de Uberlândia/MG foi objeto de nosso trabalho, e pelo caminho conhecemos experiências agroecológicas e de agricultura orgânica em sítio, assentamento, vila de pescadores, aldeia indígena e agroindústria; neste trabalho serão abordadas as duas últimas experiências.



**Descrição da Experiência:** Em Aracruz-ES, chegamos à aldeia Boa Esperança; uma tribo guarani próxima a uma rodovia. Adentrando a reserva de 1.700 ha, percebeu-se a relação harmoniosa entre a aldeia e os animais silvestres locais, fortalecido pela fala do cacique *“Se mantermos a mata preservada, é porque precisamos manter os animais silvestres, plantar e fazer os rituais”*.

Encontramos o cacique sob uma palhoça e, além dele, crianças e mulheres nos acompanharam, que mesmo tímidas, não negavam no olhar a curiosidade. No primeiro instante, o cacique fez questão de nos informar seu nome Guarani, que traduzindo para o português é *“Relâmpago da Cor do Céu”*, e que faz parte do Conselho Nacional de Direitos Humanos, participando ativa e politicamente na luta pela manutenção dos direitos dos povos tradicionais, processo ameaçado, segundo ele, pelo desarquivamento da PEC 215, o qual coloca em risco a demarcação das terras indígenas. Segundo o cacique *“a demarcação das terras, feita com base nos estudos antropológicos, tem que criar grupos de trabalho, mapear as terras e garantir o direito à posse de terra por parte dos indígenas”*.

Além disso, ele criticou a criação de Áreas de Proteção Ambiental, pois não acha justo terem que se separar da natureza. Ele afirma que os órgãos retiram os povos tradicionais dos locais que reconhecem como seu lar, como sendo eles mesmos e com os quais mantêm relações de subsistência; reclama que os órgãos responsáveis defendem as leis, querem manter a mata intocada e que ele defende seu povo por amor a eles e pela mata.

Para introduzir o contexto de luta da etnia, ele nos explicou como a preservação do meio ambiente está diretamente associada à cosmologia do grupo, que entende que cuidar da natureza é uma forma de preservação da cultura originária na busca da Terra Sem Males. O cacique afirma: *“Defendemos o saber milenar, o que faz bem pra nós”* mantendo suas tradições, inclusive com os rituais, uso de plantas com finalidades medicinais.; além disso, criam abelha urucu (brasileira), peixes e mantêm hortas comunitárias.

Mesmo tendo uma relação de coexistência com aquele território, durante os “Anos de Chumbo” os Guaranis começaram a perder parte do território devido à chegada de uma indústria de celulose. O território indígena não demarcado virou cenário de deserto verde com as plantações de eucalipto. Após o surgimento da Fundação Nacional do Índio – FUNAI (1967), um estudo reconheceu que os Guaranis tinham direito a 18 mil hectares no Espírito Santo, no entanto só tiveram acesso a sete mil hectares, pois os outros 11 mil eram propriedade da empresa. O cacique nos relatou que a empresa usou táticas de intimidação contra os Guarani tentando humilhá-los de diversas maneiras, inclusive por meio de uma campanha difamatória com panfletos e outdoors. A mensagem era: *“A Aracruz trouxe o progresso. A FUNAI, os índios”*. Cansados da morosidade da justiça para tratar o caso com seriedade, apoiados por Ongs nacionais e internacionais os indígenas ocuparam as terras em disputa. Em resposta à ocupação, a empresa acionou a Polícia Federal. O povo indígena que ali lutava pela terra, que por direito sempre foi deles e agora era reconhecido por lei, passou a ser visto como terrorista e tratado como tal, inclusive



marginalizados, denominados “ladrões da Aracruz” conta o cacique. Com bombas de gás, tiros e perseguições na mata, a polícia reprimiu o movimento e obrigou os índios a saírem da área.

No final da fala, o cacique nos convidou para formar uma roda, uma dança circular enquanto cantávamos um canto Guarani. Ali, juntos, sentimos a importância do coletivo e da terra para o grupo em cada momento que batíamos os pés e entoávamos o canto. O cacique ressalta, a todo o momento que eles não querem terras para plantar café e comercializar, mas lutam por que sentem-se parte daquela terra, que são unidos com seu território.

No segundo dia de visita, seguimos para Venda Nova do Imigrante, cidade considerada pelo Ministério do Turismo em 2006, como a “Capital Nacional do Agroturismo”. Os italianos chegaram à região no processo de imigração no século 19, com conhecimentos de agricultura, os quais são, ainda hoje, preservados por eles. Dessa maneira, a economia da região baseia-se na produção agropecuária de caráter familiar, mantendo, além disso a tradição italiana a exemplo do idioma, do artesanato, da gastronomia e até da arquitetura. Somados, a valorização das raízes histórico-culturais locais herdadas dos colonizadores pioneiros e, o atrativo natural da região, transformou Venda Nova em exemplo de Agroturismo no Brasil.

Na cidade conhecemos La Bella Vista, uma agroindústria que mantém suas tradições produzindo macarrão, biscoitos, pães palmito, café, vinagre de banana, fubá e feijão, além do “Socol”, um embutido de lombo de porco tipicamente italiano, cultura preservada pela comunidade italiana de Venda Nova, que possibilita o resgate dessa importante parte da cultura trazida pelos italianos para o Brasil que já se perdeu na Itália. É neste ambiente que a Caravana é recebida com um farto café da tarde para finalizar as visitas do dia. A família proprietária da agroindústria relata as dificuldades em produzir alimentos orgânicos e se manter no mercado tradicional. Juntamente com uma profissional do INCAPER apontam que um dos principais desafios das agroindústrias são as leis sanitárias que impõem regras que resultam na perda do caráter caseiro dos produtos, tornando-os industriais. Sendo assim, a agroindústria encontra espaço de comercialização no agroturismo, em feiras e festas tradicionais da região as quais contam com o trabalho voluntário, costume típico local, parceria chamada de “capital social” onde os produtores e suas famílias auxiliam-se na organização das festas, envolvendo toda a cidade; é esse caráter solidário o grande “patrimônio” da cidade.

É através do agroturismo que Venda Nova também se diferencia pela permanência dos jovens no campo, processo contrário à realidade nacional. Segundo eles, as escolas incentivam a cultura italiana ministrando aulas em italiano e português, ademais, há o coral de músicas italianas e o incentivo dos costumes de seus antecedentes, lutando pela permanência dos jovens no campo e, com isso, dando continuidade às suas tradições. Este orgulho da identidade italiana e o sentimento de união proporcionado através das festas tradicionais e o trabalho voluntário, criam um sentimento solidário e de pertencimento entre as famílias locais.



**Conclusão:** A partir das experiências nas duas comunidades, percebemos como se deu o acesso à terra no Espírito Santo. Como o indígena teve o direito ao território e à sua cultura negados, enquanto o imigrante foi incentivado a ocupar determinadas regiões e reproduzir sua cultura. A vivência com as comunidades nos possibilitou amadurecer o nosso olhar sobre a importância da valorização cultural, e como ela pode ser uma ferramenta de autoafirmação da dignidade e da luta por direitos e cidadania.

**Agradecimentos:** Comboio Agroecológico do Sudeste; ABA (Associação Brasileira de Agroecologia); ACA (Articulação Capixaba de Agroecologia) ANA (articulação Nacional de Agroecologia), INCAPER (Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural). E, principalmente, a todos os povos tradicionais que lutam, paulatinamente pelo reconhecimento e preservação de seus saberes, componentes da cultura brasileira. Agradecemos à aldeia e à família da agroindústria por permitir que pudéssemos conhecer de perto esse lado da resistência brasileira, do qual nos orgulhamos.

Sarah Gonçalves Ferreira, Ester Louback Ferraz e Sara Gonçalves Barbosa.

**Referências:**

CAPORAL, C.R.F. **Agroecologia**. In: EMATER-RS. Projeto Inovar. Porto Alegre: EMATER-RS, 2005.

MORIN, Edgar. **As cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão**. In: Os Sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNESCO, 2000.